

O PROCESSO IDENTITÁRIO ENTRE SILENCIAMENTOS NA OBRA DE ABDULRAZAK GURNAH

Luccas César Bach¹

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo tecer uma análise do processo de identificação do sujeito (i)migrante no romance *Gravel Heart* (2017), de Abdulrazak Gurnah. A identidade na pós-modernidade é um movimento constante de sobreposição de fragmentos, criando a ilusão de uma unidade que, na figura do imigrante, torna-se amplamente volátil pela sua posição marginal na sociedade imperialista contemporânea. Estando à mercê dos humores sociais, o imigrante é posto em referência ao seu uso, ao seu trabalho, às vantagens que ele pode oferecer à comunidade. Em *Gravel Heart*, o processo de identificação de Salim é deslocado pelos seus relacionamentos. As expectativas impostas sobre ele buscam identificá-lo de acordo com os espaços que habita, e o modo que Salim encontra de barrar-se contra essas investidas é silenciando-se.

Palavras-chave: Migração; Identidade; Abdulrazak Gurnah; Literatura africana; Silenciamento.

Abstract: The present work aims to analyse the process of identity of the (im)migrant in the novel *Gravel Heart* (2017), by Abdulrazak Gurnah. Identity in postmodernity is comprised of a constant movement of overlapping fragments, creating the illusion of a unity that, in the image of the immigrant, becomes largely volatile due to its marginal position in contemporary imperialist society. Being at the mercy of social moods, the immigrant is placed in reference to their use, their work, the advantages they can offer to the community. In *Gravel Heart*, the identification process of Salim is displaced by his relationships. The expectations imposed on him aim to identify him according to the spaces he inhabits, and the way that Salim finds to block himself against these attacks is by silencing himself.

Keywords: Migration; Identity; Abdulrazak Gurnah; African literature; Silencing.

¹ Doutorando em Estudos Literários pela UFRGS (2021). Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Graduado do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras/Português/Inglês/Espanhol/Italiano UNIOESTE em 2014. Participação como membro do Grupo de Pesquisa Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura e nas Diversas Linguagens.

Considerações iniciais

As ondas nacionalistas que eventualmente atingem povos étnicos ou religiosos, muitas vezes compostas por movimentos que buscam quebrar com as amarras coloniais e imperiais de uma nação opressora, deixam no senso comum coletivo a impressão de que uma identidade possui raízes. Uma identidade nacional estaria enraizada em um povo ancestral, antigo e puro que teria um dia reinado gloriosamente sobre terras e riquezas majestosas. A identidade cultural, de forma semelhante, estaria enraizada também na tradição de antigos mitos originários.

Mas que povo se manteve de tal maneira isolado, em um vácuo temporal-espacial, a ponto de ser escolhido como o “puro”? E como se pode aceitar tal controle sobre a História, a ponto de ignorar guerras, pandemias, invasões, colonizações, entre tantos outros eventos que fizeram do mundo não uma soma de ancestralidades, mas uma diáspora cultural rica em diversidade? Por mais tentador que seja tomar identidades como produtos de povos vernáculos, essa simplificação não condiz com a realidade fragmentária do mundo pós-moderno e pós-colonial.

Isso não significa que a busca do indivíduo por uma identidade seja infrutífera, ou mesmo irracional. A necessidade por autoafirmação, por um grupo com o qual se relacionar, é instintivo da condição de *ser* humano. Deve-se apenas atualizar o que se entende por identidade, tendo em vista que o sujeito pode assumir várias identidades concomitantemente, assim como pode construir um *eu* em relação a vários *outros*. O escritor Abdulrazak Gurnah, tendo nascido e passado a adolescência em Zanzibar, partiu para a Inglaterra como refugiado. Seus 10 romances, seus contos e ensaios foram publicados em inglês – a língua do colonizador – e não em suaíli, mas sua escrita tem forte ambientação em seu país de origem. *Gravel Heart* (2017) retrata essa situação a partir do relato de Salim, um jovem imigrante que busca em Londres um escape do mundo corrompido e da trágica história familiar que ele tem em Zanzibar.

Essa literatura que Ottmar Ette chama de literatura sem morada fixa se propõe à “[...] compreender as línguas e territórios da literatura como espaços de migração e imigração para expressões de ‘língua estrangeira’ e ‘cultura estrangeira’, nos quais o ‘alheio’ lampeja como parte do ‘próprio’ sem, todavia, perder seu ‘alheamento’ no ‘próprio’.” (Ette, 2018, p. 43, grifo meu). Assim, a análise do processo de identificação da personagem principal será feita em constantes contrastes sem, entretanto, perder de vista seu aspecto único.

Identities, seus processos e suas buscas

Tendo em vista que o que se busca nesse trabalho é um estudo da identificação do imigrante em *Gravel Heart*, será necessária uma síntese do que se entende por identidade – seja nacional, cultural, religiosa, entre tantas outras. De acordo com Hall (2020), em uma perspectiva histórica, a maneira como se entendia um sujeito social era simplificada, visto de forma puramente racional. Uma identidade seria composta por um centro estável e constante na vida do ser humano desde seu nascimento. Linhas de estudo modernas passam a questionar a percepção centrada e unificada de tal indivíduo, uma vez que, sendo inserido em uma sociedade estruturada por diferentes formas de poder, por sistemas de significação e por correntes culturais, ele é mais um sujeito passivo no mundo do que agente em completo controle de sua vida.

O sujeito pós-moderno, portanto, sem ser um centro ao redor do qual o mundo se organiza, assesta-se ao construir identidades a partir de fragmentos de sua vida política, cultural, social, espiritual, ética.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. [...] O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (Hall, 2020, p. 11).

Movimentos por direitos humanos são sintomáticos do longo período de hegemonia do patriarcado branco que tomou a sociedade como refém. Os movimentos feministas, LGBTQIA+, negro, operário, ambientalista, estudantil, entre tantos outros, além de suas respectivas pautas para a subversão dessa hegemonia, têm importante papel em questionar identidades. Os espaços pós-modernos para essa discussão não terminam uma vez que o sujeito se diz latino, europeu, africano, mas expandem-se para um debate enriquecedor sobre diversidade. Enunciar as maneiras que nos fazem diferentes é uma maneira de valorizar a multiplicidade em que se (sobre)vive, fugindo de uma assimilação totalitária sobre “termos guarda-chuva”; já entende-se, por exemplo, a importância do feminismo negro ou do feminismo marxista para um feminismo de várias vozes que, mesmo tendo um objetivo comum, reconheça que certas mulheres lidam conjuntamente com opressões racistas e classistas. Afinal, o sujeito existe – ou *pode existir* através da globalização e do uso da internet – em espaços variados, em contextos diversos, e entre pessoas de uma infinidade de filiações.

Mesmo identidades nacionais podem coexistir em um indivíduo. Refugiados muitas vezes vivem em um entrelugar; entre a nação em que se cria-

ram e a que os recebeu, entre dois povos que, independentemente de quão diferentes possam ser um do outro, os interpretarão como concidadão ou como imigrante. E esse movimento migratório é uma ruptura, pois mesmo retornando para seu país serão os que partiram e voltaram, os que não são completamente nossos, sendo que carregam algo de estranho/estrangeiro consigo. Sobre os que não mais retornam a sua terra natal, pessoas dispersas, Hall escreve que “[...] são obrigadas a *negociar com as novas culturas* em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades.” (Hall, 2020, p. 52, grifo meu). O ato de negociar, em princípio, implica, sim, ceder algo de si – costumes, idioma, reconhecimento –, assim como receber algo em troca – proteção, algum sucesso financeiro. Um ganho apesar da perda, uma vez que não se perderão completamente? Mais do que isso, negociar implica diálogo, não uma imposição. O imigrante é também sujeito de direitos, um ser político e cultural, que jamais será neutralizado uma vez que se insere em uma sociedade nova.

Seguíssemos simplesmente pelo pensamento enraizante, em que identidades possuem suas “origens” firmemente estabelecidas e, com isso, imóveis, teríamos um imigrante que, preso ao seu local de nascimento e à cultura regional que englobou geograficamente sua pátria, seria incapaz de se reenraizar. Por isso, como Édouard Glissant (2021, p. 34) discute em seu livro *Poética da Relação*, é preferível abordar o processo de identificação do sujeito a partir do conceito rizomático proposto por Deleuze e Guattari: “O pensamento do rizoma estaria no princípio do que eu chamo de poética da Relação, segundo a qual toda identidade se desdobra numa relação com o Outro.” Glissant, pensador que nasceu na Martinica – território caribenho sob controle francês –, fez parte de seus estudos em Paris e escreveu em francês, entende que a raiz, no exílio ou na errância, *falha*. O processo identitário ocorre, assim, nesses encontros do sujeito com o que o cerca. Glissant (2021, p. 34) afirma que “[a] identidade não é mais apenas permanência, ela é dotada de variação, sim, uma variável, controlada ou desesperada.” Complementando, portanto, a definição anterior baseada nas palavras de Stuart Hall, identidades mudam, ondulantes entre os contrastes do mundo, nem sempre de maneira “racional” (controlada). Memórias, ideologias, orgulhos; tantas camadas ao *ser* humano são carregadas de emoções aquém do seu controle racional. Nem tudo é escolha. Identidades também são refletidas sobre o sujeito.

A figura do imigrante no imaginário popular funciona como um espelho. O refugiado como “ameaça social” ecoa os racismos estruturais do sistema em que vivemos.² Sua posição é, na realidade, definida pela sua “demanda”, uma

² Percebe-se que o maior problema à noção do “refugiado” é ele não ser “europeu” o suficiente – estes, sim, são dignos de empatia. Veja fala do ex-procurador da Ucrânia: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2022/02/e-muito-tocante-ver-europeus-de-olhos-azuis-sendo-mortos-diz-ex-procurador-da-ucrania.html>.

vez que o imigrante “[...] é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito.” (Sayad, 1998, p. 54). Portanto, quando uma comunidade aceita como necessária a “mão-de-obra” estrangeira, todos (tanto o migrante quanto o povo que o recebe) compartilham a ilusão da migração definitiva. Afinal, assim segue o discurso, esse sujeito se comportará como um vetor cultural que contribuirá e, caso dedique-se suficientemente, compartilhará dos lucros a serem obtidos com seus sacrifícios. É de se esperar, contudo, que a prosperidade seja passageira. Talvez seja a margem de lucro reduzida, uma diminuição no poder de compra, algum serviço essencial que encareça, um aumento na taxa de desemprego; mas as “inconveniências” da existência dos migrantes, geralmente justificadas na cobrança e no uso do dinheiro público, acabam mais evidentes do que seu trabalho, e a ilusão se desfaz. A migração passa a ser uma medida provisória.

Como Abdelmalek Sayad (1998, p. 55) em um trabalho revelador sobre a posição social do imigrante, *A imigração*, afirma: “Como o trabalho (definido para imigrantes) é a própria justificativa do imigrante, essa justificativa, ou seja, em última instância, o próprio imigrante, desaparece no momento em que desaparece o trabalho que os cria a ambos.” O discurso torna-se seletivo – um peso em listas dos custos e valores do, agora, problema referente aos imigrantes – e, por vezes, violento.

A identidade, já estabelecida como fragmentada, torna-se amplamente volátil no imigrante. Há, naturalmente, um aspecto “exterior” sobre a identidade, um contraste entre culturas que define comunidades.³ Deve-se enfatizar, entretanto, que, estando à mercê dos humores sociais, o imigrante é posto em referência ao seu uso, ao seu trabalho, às vantagens que ele pode oferecer à comunidade. Em *Gravel Heart* pode-se analisar sob essa perspectiva o processo de identificação do narrador em primeira pessoa, Salim, cujo maior questionamento é, precisamente, o motivo que o fez migrar.

Espaços identitários ou identidades espaciais

Romance publicado originalmente em 2017, *Gravel Heart*, como outras obras do escritor laureado com o Nobel da Literatura em 2021, Abdulrazak Gurnah⁴, relata a jornada de um jovem inexperiente a um lugar estranho, que preda sobre sua inocência juvenil, criando um entrelugar existencial. Tornar-se imigrante foi, para Salim, menos desejo do que anuência. Entre os silêncios que o

³ Hall (2003) faz um levantamento teórico extenso – entre Foucault, Laclau, Mouffe e Butler – sobre o aspecto externo do processo de identidade em seu texto “A questão multicultural”.

⁴ Obras como *Memory of Departure*, de 1987, e *Paradise*, de 1994, por exemplo, também trazem a figura do imigrante disperso. No primeiro, o personagem rompe com ambos os espaços e segue em errância trabalhando em um barco; no segundo, uma jornada brilhantemente feita sobre transição para a maioridade, traz a mesma espécie de conflito entre espaços africanos.

rondam em Zanzibar, os silêncios que carregará na Inglaterra, Salim *aceita* – pela falta da sua retórica – as identidades como imigrante, como negro, como africano, como muçulmano que lhe são associadas.

Analisemos primeiramente os espaços. Salim narra sua própria trajetória de Zanzibar a Londres. Da África à Europa. Do terceiro mundo ao berço imperialista. De ilhas reclusas e paradisíacas à metrópole cosmopolita. A imagética oposição entre esses espaços é inevitável uma vez que esses pares estão fortemente associados a conceitos chaves no debate pós-moderno e pós-colonial (fugindo-se, finalmente, da mentalidade tradicionalmente ignorante e fascista que busca associar elementos racistas, elitistas e imperialistas aos polos África/Oriente e Europa/Ocidente de maneira a reforçar uma narrativa altamente preconceituosa contra o primeiro⁵). Mas, uma vez entendido quão plural o mundo pós-moderno se apresenta, percebe-se que tal divisão é, em primeiro lugar, muito menos cristalina do que se esperaria após tão superficiais descrições. As fronteiras entre esses polos são turvas e enganosas, e as noções popularmente associadas a eles são apenas narrativas criadas e impostas sobre o imaginário coletivo. Em segundo lugar, ao sujeito não basta uma identidade, quer ela seja nacional ou regional.

Zanzibar, mais do que uma ilha na costa leste africana, será a familiaridade do lar. Para Salim, a casa de sua infância é um espaço íntimo e fechado contra o barulho do desenvolvimento cosmopolita do restante da região: “Os telhados de zinco da nossa casa e da outra em frente quase se encontravam no alto para criar uma silenciosa câmara crepuscular que refrescava o ar e *teria intimidado um estranho com sua sensação de intimidade e clausura*”⁶ (Gurnah, 2017, p. 18, grifo meu). A associação dessa rua estreita, de casas tão próximas que parecem formar um residencial à parte, ao sentimento de intimidade é relevante em três diferentes níveis, um levando ao outro. Primeiramente, por contraste, tal reclusão como uma memória distante e, portanto, não mais alcançável, estende à intimidade do lar a necessidade de ser protegida do “estranho”. O estranho nesse complexo seria o *estrangeiro* – o europeu, o britânico, o imperialista –, que não saberia lidar com o africano em sua completude humana, tendo uma vida familiar, social e, especialmente, sentimental, uma vez que o discurso do colonizador reproduz o que

⁵ Não busco, de forma alguma, negar ou contornar divisões como Norte/Sul, colonizador/colonizado, pois isso, como coloca Edward Said em sua obra-prima, *Orientalismo* (2007), teria o resultado de “[...] intensificar as divisões e torná-las viciosas e permanentes.” (p. 435). O que é necessário é romper com discursos que buscam colocar valores supremacistas sobre um em detrimento do outro, que tentem “justificar” – o quão absurdo isso soa hoje é uma grande conquista – noções que coloquem o não-europeu ou norte-americano, o não-branco, mulheres e pessoas de outras identidades de gênero, o não-hétero, entre outras tantas e tamanhas diferenças que não caberiam em tão pequeno espaço, como sujeitos dominados.

⁶ “The tin roofs of our house and the one opposite almost met overhead to create a quiet twilight chamber which cooled the air and *would have intimidated a stranger with its sense of intimacy and enclosure.*”

foi colonizado como um “selvagem” para poder justificar a violência exportada.

Um nível adiante teremos a relevância da primeira casa na construção do nosso imaginário como exposto por Gaston Bachelard em *A Poética do Espaço* (1993). De acordo com o filósofo francês, a primeira casa é o canto do mundo, o *nosso* canto no mundo, que “[...] mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida.” (Bachelard, 1993, p. 26). Seria nas intimidades dos cômodos da casa que o sujeito se permitiria sonhar, criar, imaginar; assim como desenvolver seus medos e receios. O preciosismo com o qual Bachelard lê essa conexão talvez não seja atual, em contraste com o moderno e seu caos, mas é interessante como pode-se perceber a ênfase dada por Salim sobre a proximidade dos seus conterrâneos no seu canto do mundo. Há uma forma de intimidade expressa nas ruas, no espaço concreto, assim como no estilo de vida, nos maneirismos, no uso desse espaço pela sua comunidade:

Nenhum carro poderia descer por essas estradas, que nem haviam sido planejadas para isso. Essas eram ruas construídas para o arrastar e bater de pés humanos, e para corpos esfregarem ombros uns contra os outros, e para vozes murmurarem e reverberarem suas cortesias, xingamentos e gritos. Qualquer transporte de carga que fosse necessário era feito por carrinhos de mão e músculos humanos. [...] Era assim quando eu era criança, quando as estradas eram quietas e vazias, não tão cheias e sujas como ficaram depois.⁷ (Gurnah, 2017, p. 19).

Nesse mundo corpóreo feito de e para toque de peles, o som de vozes, a tensão dos músculos, o sujeito se esbalda em liberdade de movimento. Contra essa memória, Salim se depara com uma Europa de posses, em que, além do caos do trânsito, “[t]odo lugar que você vai *você tem que abrir caminho entre as multidões* e tomar conta de suas posses”⁸ (p. 59, grifo meu). Corpos já não mais se esfregam em um contato contínuo, mas se empurram, se afastam, em busca do próprio caminho. O indivíduo passa a se fechar em si mesmo, com os frutos de seu trabalho e sucesso financeiro – afinal, esse seria o motivo de ser do mundo capitalista cujo parto se deu também na Inglaterra.

Da rejeição ao estranho, da intimidade enclausurada, o terceiro nível se dá na hesitação em abrir-se ao diálogo. Salim usará do silêncio como autopreservação contra o estranhamento do mundo externo. Ao não responder os xingamentos do tio, ao evitar falar em sala de aula, ao não colocar seus problemas e dores

⁷ “No car could come down these lanes nor was ever intended to. These were streets built for the shuffle and slap of human feet, and for bodies to rub shoulders against each other, and for voices to murmur and reverberate their courtesies and curses and outcries. Any freighting that was necessary was done by handcarts and human muscles. [...] That was how it was when I was a child, when the lanes were quiet and empty, not as crowded and dirty as they became later”.

⁸ “[e]verywhere you go you have to *push your way through crowds* and hold on to your possessions”.

aos pais, Salim reproduz o ambiente fechado de quando andava nu, exposto pelas ruas, e escutava a risada do pai, quando não sentia a dor e o ressentimento do abandono. Nesse vácuo existencial criado pelo contínuo silenciamento, Salim pode deixar-se exposto, mas sem permitir entrada às pessoas que conhece na Inglaterra.

Londres poderia ser simplesmente um oposto à ideia de intimidade em Salim. Ao menos inicialmente. A capital será, sem dúvidas, exaltada pelo progresso tecnológico e cosmopolita. Em sua carta para a mãe que permanece em Zanzibar, Salim relata diferenças que são esperadas de alguém nascido e criado em uma região temporalmente distanciada dos efeitos da globalização: “Trens que viajam sob o solo! Nós estamos tão atrasados!”⁹ (p. 59). Além do frio, do barulho, do trânsito da cidade grande, o impacto cultural alcançará Salim dentro da casa dos tios – o estranho que rompe as fronteiras da casa que, assim, perde sua intimidade –, através dos costumes e ideais ingleses, como o uso de talheres. Na mesa, entre os seus parentes, entre seu tio que, como ele, fora criado em Zanzibar, Salim vê todos esperando para aproveitar e se divertir com o momento fatídico: “Eu sorri também, pois até eu sabia da comédia inevitável do momento da faca-e-garfo que iniciava alguém como eu na vida da Europa”¹⁰ (p. 57). A simplicidade aparente desse momento condiz com a complexidade temática da escrita de Gurnah. Sem nos adentrar demasiadamente nas personagens presentes nesse momento, pode-se apontar que, da família composta por um casal de imigrantes e seus dois filhos nascidos e criados na Europa, as crianças seriam as únicas que poderiam não compreender a dificuldade de se adaptar a um modo diferente de se alimentar. Ainda assim, todos bebem da narrativa em que o hábito de usar talheres é uma marca civilizatória; Salim seria, portanto, o inculto, o “selvagem”. O riso difamatório de seu tio, Amir, rotula essa “selvageria” como derrisória. A comicidade que Salim reconhece nesse “rito de passagem” coexiste com aquela noção binária que coloca o europeu como, novamente, culto e racional, acima do restante, selvagem e emocional. Amir, tendo crescido na mesma casa que Salim, não parece hipócrita para nenhum dos presentes, tendo sido tão bem assimilado pela ideologia inglesa.

Talvez a forma mais acurada de ler as percepções do narrador seja entender que tal binaridade é uma ilusão – uma ilusão presente no âmbito social, cultural, político e econômico, mas frágil ao olhar atento. Há, claro, barreiras culturais que chocam e deslocam o imigrante. Mas Londres não é simplesmente europeia, ela é um encontro de fragmentos do mundo.

⁹ “Trains that travel under the ground! We are so backward!”.

¹⁰ “I smiled too because even I knew about the unavoidable comedy of the knife-and-fork moment that initiated someone like me into the life of Europe”.

Londres está cheia de pessoas do mundo todo. Eu só não tinha esperado ver isso, Indianos, Árabes, Africanos, Chineses, e eu não sei de onde todos os europeus vêm mas eles não são todos Ingleses. [...] é como vislumbrar uma página em uma enciclopédia infantil ilustrada sob o título Pessoas do Mundo.¹¹ (p. 59).

Os espaços com os quais Salim dialoga são, portanto, uma comunidade reclusa e razoavelmente sem grandes influências globalizantes em Zanzibar, e uma estação atravessada por vetores diaspóricos que se cruzam, chegam e partem e permeiam o caos urbano no centro cultural da Inglaterra/Europa. São fragmentos transfronteiriços do que Benedict Anderson (2008, p. 32) denomina comunidades políticas imaginadas, soberanas e limitadas espacialmente. Percebe-se que, nas memórias dos pais de Salim, Zanzibar está suspensa, desestabilizada pela guerra da independência, pelo poderio militar unido ao discurso nacionalista radical. A população vive com o medo da perseguição política e com a instabilidade econômica – motivos que atingiram diretamente tanto o avô materno de Salim quanto o paterno.

As escolas governamentais, as acomodações hoteleiras e as zonas turísticas que surgiram ou cresceram exponencialmente com a globalização expandiram os caminhos de comunicação da terra natal de Salim com as nações imperialistas. Através desses veículos, a influência hegemônica alcança-o, por exemplo, de forma passiva, por meio dos livros escolares, que traziam crianças brancas passando as férias na praia, com seus cabelos louros voando com o vento, ou nas fazendas de seus avós. Longe da realidade de Salim, definitivamente: “Durante as férias escolares, íamos à escola de estudos do Alcorão o dia todo, não à beira-mar, onde nosso cabelo crespo e encaracolado não voava atrás de nós enquanto corríamos [...]”¹² (p. 21). Assim, o processo de exportação de correntes de pensamento colonial toma conta de um importante núcleo disseminador de poder – a escola – e estabelece-se como uma presença através do turismo que desbocará na região de Salim de forma a romper com seu sentimento de familiaridade: “O governo relaxou as regulamentações cambiais e pessoas de países ricos quiseram entrar e dar uma olhada em nossa pequena ilha abandonada. Foi também naquele ano quando eu tinha sete anos que meu pai nos deixou”¹³ (p. 34). Como um rompimento duplo, o afastamento paterno e a aproximação europeia tanto unem

¹¹ “London is full of people from everywhere in the world. I just had not expected to see that, Indians, Arabs, Africans, Chinese, and I don’t know where all the European people come from but they are not all English. [...] it is like a glimpse of a page in an illustrated children’s encyclopaedia under the title People of the World”.

¹² “During school holidays we went to Koran school all day, not to the seaside where our frizzy curly hair did not stream behind us as we ran [...]”.

¹³ “The government relaxed foreign exchange regulations and people from rich countries wanted to come in and take a look at our derelict little island. It was also in that year I was seven that my father left us”.

quanto separam.

Nas palavras de Aimé Césaire (2020, p. 9), “A Europa é indefensável”. A violência exportada da Europa para suas colônias estabeleceu um contato anti-humanista, imoral e decrépito entre os povos. Na mentalidade colonial, o colonizado é “coisificado”, um instrumento; e o colonizador é seu capataz. Portanto, apesar da multiplicidade encontrada nos espaços em que Salim vive, há, sim, uma dualidade que parece reverberar no imaginário coletivo: o selvagem – o que comete a grave gafe de não ter aprendido o uso de talheres na infância – e o culto – o que não apenas domina a habilidade, mas que decide que ela será símbolo de civilização. O processo de identificação de Salim é um choque entre o mundo transcultural que ele habita, um entrelugar, e a dualidade implantada pelo colonialismo, um não-lugar.

Assumir identidades entre silêncios

Assim começa sua narrativa: “Meu pai não me queria”¹⁴ (Gurnah, 2017, p. 15). Sem entender os fantasmas e segredos que assombram seus pais, Salim passa grande parte da sua vida acreditando ser um estorvo para ambos. A rejeição sentida se desenvolve e amadurece nos constantes silêncios construídos ao seu redor não apenas, mas especialmente pelos seus pais. A mãe se recusa a explicar ao menino o motivo da partida do pai, “[...] suplicando a ela enquanto ela sentava em um silêncio taciturno” (p. 33)¹⁵; e a figura do pai, uma sombra do que ele fora, a vagar pela cidade sem reconhecer o filho, acaba apenas o envergonhando: “Ele não falava de boa vontade e andava através das multidões com sua cabeça baixa e seus olhos deliberadamente vagos, sem desejar ver”¹⁶ (p. 35). A decaída de seus pais foi acionada por Amir, mas eles deixaram-se levar passivamente aos seus destinos; sua mãe aquiesceu tragicamente ao reclame do amante, enquanto seu pai preferiu calar-se, fugir da lembrança de seu fracasso – “Eu estava cercado por silêncios e não parecia estranho eu não poder fazer perguntas sobre eventos passados não mencionados”¹⁷ (p. 42).

De forma semelhante, Salim fará uso desse silêncio para manter tópicos sensíveis à distância, assim como lhe foi ensinado. Ele não se afirmará como um homem negro ou como imigrante – isso caberá às pessoas que ele encontra. Sem fazer amizades duradouras ou estabelecer um relacionamento significativo, Salim segue na superficialidade de amizades temporárias e encontros românticos superficiais.

¹⁴ “My father did not want me”.

¹⁵ “[...] pleading with her while she sat in sullen silence”.

¹⁶ “He did not speak willingly and walked through crowds with his head lowered and his eyes deliberately vacant, not wishing to see”.

¹⁷ “I was surrounded by silences and it did not seem strange that I was not to ask questions about unspoken events in the past”.

Uma delas me disse, enquanto tirava minha camisa e enfiava a mão no meu jeans, que ela teria ido para a cama comigo se eu não fosse negro, mas já que eu era, ela não iria. [...] Ela voltou a me beijar depois disso e eu não fiz nenhum esforço para resistir, mesmo que a honra exigisse que eu a repelisse e me afastasse com altivez.¹⁸ (p. 95).

Assumir uma identidade e ter orgulho dela é um discurso poderoso. Ele seria, entretanto, uma presunção de lutas sociais? O choque de Salim – ele incorpora, afinal, a razão pela qual se debate a necessidade do lugar de fala – em perceber o interesse por essas causas e movimentos por direitos humanos deve causar reflexão. Retomando a citação anterior de Césaire: como haveria de defender uma Europa que agora, após séculos de colonialismo usufruindo sua licença para violência desinibida sobre povos conquistados, clama por justiça? O silêncio de Salim está enraizado em seus pais, sim, mas tal efeito também é perpetuado no espaço acadêmico: “Quando eu falava soava errado [...] Eu não tinha o auto-domínio dos outros alunos e eu me sentia desconfortável entre eles”¹⁹ (p. 91). Se o imigrante pelo qual os direitos estão em debate não se sente compreendido, não se sente confortável para expressar suas opiniões, a práxis foi esquecida em prol da academicidade. Retornamos, portanto, à dualidade entre cultos e incultos; os detentores do poder das palavras e os que as usam de forma “errada”.

Tudo é complicado e as perguntas simplificam o que só é compreensível através da intimidade e da experiência. Nem a vida das pessoas está livre de acusação, culpa e erros, e o que pode ser entendido como simples curiosidade pode parecer exigência por uma confissão. Você não sabe o que pode liberar fazendo uma pergunta estúpida. Era melhor deixar as pessoas em silêncio.²⁰ (p. 91).

Pareceria vazio analisar o silêncio de Salim simplesmente como herança familiar, pois há silenciamento na sua reclusão. A sua relutância em questionar outros imigrantes sobre seus passados, o que o impediu de formar laços de confiança entre pessoas com quem morou ou conviveu por longos períodos de tem-

¹⁸ “One of them told me, as she was pulling my shirt out and reaching into my jeans, that she would have gone to bed with me if I weren’t black, but since I was, she wouldn’t. [...] She went back to snogging me after that and I made no effort to resist even though honour required that I should repel her and walk haughtily away”.

¹⁹ “When I spoke it sounded wrong [...] I did not have the self-possession of the other students and I felt uncomfortable among them”.

²⁰ “Everything is complicated and questions simplify what is only comprehensible through intimacy and experience. Nor are people’s lives free from blame and guilt and wrong-doing, and what might be intended as simple curiosity may feel like a demand for a confession. You don’t know what you might release by asking a stupid question. It was best to leave people to their silences”.

po, parte do seu respeito pela intimidade alheia e pelo reconhecimento da dor que memórias podem engatilhar no sujeito. O sujeito em sua existência multifacetada será mais do que uma justificativa à indignação do acadêmico, distante em seu interesse por justiça. Um diálogo entre essas duas perspectivas é enriquecedor, com a condição de que o indivíduo tenha suas experiências e sua fala (seu modo de se expressar) respeitadas.

Por outro lado, o ato de responder, de erguer a voz contra as injustiças e opressões sofridas, seria um ato de rebeldia. Em *Erguer a Voz* (2019), bell hooks trabalha esse movimento de se fazer ser ouvida pela perspectiva da mulher negra – cuja fala sempre foi presente, o problema era ser ouvida. Nessa obra, a autora afirma que erguer a voz “é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta.” (p. 39) – uma noção preciosa, digna de ser reafirmada mais a frente: “falar é a marca da liberdade, de se fazer sujeito.” (p. 264). O falar como movimento de autoafirmação é também ato político. O “indivíduo objeto” transgrede as normas que o silenciam e assume sua própria voz, seja ela qual for. Enquanto não o faz, ele adapta sua fala à do dominador.

Em qualquer situação de colonização, de dominação, o oprimido, o explorado desenvolve vários estilos de relato, falando de outra maneira para aqueles que têm o poder de oprimir e dominar, uma maneira que permite que seja compreendido por quem não conhece sua maneira de falar, sua língua. (hooks, 2019, p. 49).

Amir, tio de Salim, entretanto, adquire seu sucesso de carreira e uma vida luxuosa não ao erguer sua voz, mas ao copiar a fala do dominador. A própria figura do naturalizado – mas, de acordo com ele, jamais um imigrante –, Amir e a esposa buscam em Salim uma maneira de se redimir pelo que fizeram com a mãe do rapaz. Ao assimilar a mentalidade inglesa, exigem produtividade e, especialmente, aquiescência do sobrinho – afinal, a falta desses dois elementos designam um imigrante (a procedência do indivíduo pouco importa no que diz respeito à classificação) e *ser* imigrante é uma falta imperdoável no mundo europeu.

Amir e a esposa se sentem no direito de decidir o que Salim irá vestir, o que irá estudar, como deve se portar. Eles constroem a identidade do rapaz de acordo com suas expectativas, que refletem, mesmo que indiretamente, o que o mercado inglês busca na recém-chegada mão de obra. O desejo de Salim de estudar literatura – uma matéria, de acordo com Amir, sem praticidade no mundo do capital – é temporariamente reprimido pelo rapaz, que aceita as imposições da família do tio e adere aos planos feitos por Amir. Nesse início, Salim ainda sente a rejeição paterna o empurrando para longe, para fora de Zanzibar, para Londres, e sua preocupação inicial estava em agradar seus anfitriões.

Nas mãos dos guardiões generosos, Salim se torna a personificação de um

manequim, não apenas vestido como um, mas também modelado e exposto de forma que condiz com o que é esperado dele. A espontaneidade das suas primeiras fotos na neve marca seu primeiro conflito com o tio. Amir rechaça-o pelo sorriso nervoso, infantil, que Salim traz no rosto: “‘Esse sorriso eliminou qualquer sinal de personalidade ou estilo’, ele me disse. ‘Você parece um palhaço. Por que você está sorrindo assim?’”²¹ (Gurnah, 2017, p. 60). Em outro dia de sol, Salim é instruído a modelar para uma nova foto na mesa do quintal, agora com seus livros, “[...] então me sentar lá sem sorrir e trabalhando duro”²² (p. 61).

Dentre as exigências, os retoques, o remodelamento, Salim esforça-se para assumir essa identidade maquinária, ou seja, a de um cidadão altamente produtivo em relação às demandas do mercado internacional, sem afetações emotivas ou necessidades para além do corpo: um sujeito máquina, um imigrante “quase inglês”. A vergonha que ele carrega não diz respeito tanto ao não se encaixar nesse papel, mas pelo teatro em que todos participavam ao seu redor: “Talvez qualquer roupa teria me envergonhado naquele momento, porque a vergonha penetrara mais profundamente do que o que eu vestia, tinha mais a ver com a estridência dominante do ar estranho ao meu redor”²³ (p. 58). Seus tios adotando uma narrativa de eventos em que não precisavam assumir grandes responsabilidades pelo destino da mãe de Salim; inserindo-se na cultura da nação dominante de forma a reproduzir os mesmos preconceitos culturais; e a farsa de Salim em seus estudos de negócios, pelos quais não tinha interesse algum. Essas peças, mentiras e omissões, reproduzidas dentro do núcleo familiar de Amir procuram manter Salim em um espaço de obediência, na ilusão de estar recebendo o grande privilégio do tio afetuosos. Elas caem, entretanto, à medida que Salim explora o terreno além da vida opressora em que seus tios vivem. Entrando em contato com outros africanos, outros migrantes, Salim percebe ter habitado um espaço deslocado, “protegido” da realidade cruel que o cercava: “[...] quão protegida minha vida tinha sido, e isso me fez sentir como se algo me tivesse sido negado em vez de poupado, como se eu fosse de alguma forma inadequado”²⁴ (p. 62-63).

A revelação de sua tia, Asha, sobre o caso entre seu irmão e a mãe de Salim é entregue de forma quase jocosa, como um segredo bobo, um caso de amor proibido. Mas o questionamento tímido do rapaz – sua mãe teve, afinal, alguma escolha? – desperta uma reação violenta de Asha. Ora, se tivesse de fato sido

²¹ “‘That grin has obliterated any sign of personality or style,’ he told me. ‘You look like a buffoon. Why are you grinning like that?’”

²² “‘[...] then seat myself there unsmiling and hard at work’”.

²³ “‘Maybe any clothes would have embarrassed me at that time because the embarrassment lay deeper than what I wore, it was more to do with the overbearing shrillness of the strange air around me’”.

²⁴ “[...] how sheltered my life had been, and that made me feel as if I had been denied something rather than spared, that I was somehow inadequate”.

um caso romântico, uma decisão entre corpos livres, uma “opção” por parte da mãe de Salim, o que a faria acusá-lo de ingratidão? Salim permanece em silêncio, escutando as acusações de sua tia – como poderia ter sido tão audacioso com as pessoas que o acolheram e o alimentaram por tanto tempo?

Porque sou fraco e sem vergonha, e ensinei a mim mesmo a comer merda, pensei, mas não disse, não podia dizer. Porque me alimentaram deferência e derrota no leite de minha mãe. Porque minha mãe queria isso para mim e ela já viu tristeza suficiente. Agora estou aqui como um vagabundo à sua mercê.²⁵ (p. 68)

A rebeldia de Salim em questionar Asha e de não se adaptar ao ramo de estudo escolhido por Amir faz dele uma pária; se ele não é um dos “bons”, um cidadão útil capaz de fazer e ganhar dinheiro, resta a ele o título de imigrante. Assim é como Amir o trata pela última vez antes de expulsá-lo de casa: “Imagino que você tenha se misturado com viciados em drogas e criminosos, a cidade está cheira deles. Agora você pode se juntar a eles e ser um *imigrante desempregado traiçoeiro de verdade*”²⁶ (p. 69, grifo meu). A maneira desinibida com a qual Amir transita entre os polos supostamente opostos marca sua assimilação à narrativa do dominante. Na voz do naturalizado, ser “imigrante” é associado a tudo o que foi ensinado a temer como ameaças à civilização europeia: o desempregado, o criminoso, o trapaceiro e, agora, o imigrante, são as caricaturas usadas para amedrontar a classe média, pois eles são os responsáveis por tomar seus bens, se apossar do dinheiro conquistado através do trabalho duro e roubar empregos de pessoas por se sujeitarem a salários mais baixos. Agora, além da moral questionável, esses vilões caricaturados se tornam também antagonistas do proletariado: preguiçosos, mal-empregados que não tomam orgulho nos frutos de seu trabalho. Entretanto, a realidade da rotina do imigrante é outra.

Salim passa a morar com outros imigrantes e reconhece que todos seriam vistos pelo tio como “perdedores e indigentes, pessoas sem talento, imigrantes, nenhum deles indo a lugar algum”²⁷ (p. 77). Esses sujeitos enfrentam uma série de dificuldades pessoais e emocionais, feitas mais complicadas pelas longas horas de trabalho – “todos nós quatro estávamos vivendo a vida em alguma desordem, trabalhando longas horas, lutando com dívidas e fantasias de alcançar su-

²⁵ “Because I am feeble and shameless, and have taught myself to eat shit, I thought but did not say, could not say. Because I have been fed deference and defeat in my mother’s milk. Because my mother wanted this for me and she has seen enough sadness. Now I am here like a vagabond at your mercy”.

²⁶ “I expect you got mixed up with drug addicts and criminals, this city is full of them. Now you can join them and be a *proper cheating unemployed immigrant*”.

²⁷ “losers and paupers, people without talent, immigrants, none of them going anywhere”.

cesso”²⁸ (p. 76). O imigrante na realidade em que Salim é jogado é um trabalhador aparentemente incansável, eventualmente levado à exaustão física e enterrado na terra em que tem dificuldade de chamar de sua. E a salvação desse futuro vazio é conseguir produzir lucro, alcançar bens, imóveis, algum tipo de sucesso profissional. A alternativa é uma morte lenta, um último suspiro no corpo magro e surrado que ainda hesita sobre qual nação é de fato seu lar: “Serei um dos hilotas da Inglaterra como o Sr. Mgeni se não fizer algo a meu respeito, até que um dia a Inglaterra me mate também”²⁹ (p. 111).

A morte de sua mãe faz Salim voltar a Zanzibar. A doçura do retorno não acalma sua ansiedade, sua vontade por duas pátrias. Já o retorno à Inglaterra e a morte do pai o levam a uma importante reflexão: “Eu deveria ter ficado. De que serviria alguém como eu para esta Inglaterra? Mas também de que adiantaria alguém como meu pai em qualquer lugar? Algumas pessoas têm uma utilidade no mundo, mesmo que seja apenas para encher uma multidão e dizer *yeah*, e outras não”³⁰ (p. 205). Por “utilidade”, entende-se que Salim reproduz o que foi trabalhado por Sayad, como colocado acima, sobre a visão tida pela sociedade sobre o migrante, ou seja, como uma unidade de trabalho.

Considerações finais

Em sua extensa bibliografia, Abdulrazak Gurnah explorou as leituras sociais do emigrante africano em espaços tomados pela narrativa colonial. O que se percebe em obras como *Gravel heart* é que, ao sujeito imigrante, pouco espaço é deixado para que ele se descubra um sujeito de poder. Os papéis estereotipados são disseminados de maneira opressora e do imigrante se espera que prove a veracidade dessas molduras identitárias. A “exceção” dessa identidade pré-formada é quando ele se aproxima do modelo europeizado, senso assimilado cultura e politicamente.

O silenciamento de Salim permite que essas imposições identitárias se sobreponham, encaixando-o nas leituras que os outros fazem de si. Guardando seus sentimentos e opiniões para si, calando suas vontades e deixando-se desaparecer na opacidade da expectativa dos outros, ele mantém sua distância e, assim, protege-se, ainda que pela própria inação. Ao final, entretanto, seus impulsos são reduzidos ao sistema que o consumiu, e sua “utilidade” é reduzida à produção e ao sucesso econômico possíveis do seu corpo.

²⁸ “all four of us were living lives in some disarray, working long hours, struggling with debt and fantasies of making good”

²⁹ “I will become one of England’s helots like Mr Mgeni if I don’t do something about myself, until one day England kills me too”.

³⁰ “I should have stayed. What use was someone like me to this England? But then what use was someone like my father anywhere? Some people have a use in the world, even if it is only to swell a crowd and say *yeah*, and some people don’t”.

Referências

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. Claudio Willer. São Paulo: Veneta, 2020.

ETTE, Ottmar. *EscreverEntreMundos: literaturas sem morada fixa*. Trad. Rosani Umbach, Dionei Mathias e Teruco Arimoto Spengler. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

GLISSANT, Édouard. *Poética da relação*. Trad. Marcela Vieira e Eduardo Jorge de Oliveira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

GURNAH, Abdulrazak. *Gravel heart*. Londres: Bloomsbury, 2017.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (Org). Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

hooks, bell. *Erguer a voz – pensar como feminista, pensar como negra*. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

SAID, Edward. *Orientalismo – o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

